

**EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SABERES E PODERES A
PARTIR DA LEITURA E ESCRITA DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS**

Eliane Aparecida Bacocina, Maria Rosa R M De Camargo

Eixo 3 - Formação do professor alfabetizador
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

O presente trabalho tem a intenção de refletir acerca da formação de educadores a partir de situações vivenciadas por pessoas adultas que, ao longo de suas vidas, foram levadas a aprender a se utilizar da leitura e da escrita em situações escolares e não escolares. Pode-se afirmar que os saberes adquiridos passaram a se constituir em poderes, à medida que os sujeitos, tanto educandos quanto educadora / pesquisadora, foram se transformando com as experiências que viveram. Os dados foram obtidos ao longo de aproximadamente dez anos, em pesquisa de pós graduação que foi se delineando desde 2003, iniciando a partir do ingresso da autora no Curso de Especialização em Alfabetização, com continuidade no Mestrado em Educação e, atualmente, retomada em pesquisa de Doutorado. As metodologias de trabalho surgiram da trajetória de interlocução da autora com os sujeitos da pesquisa, tendo como mediador o contato com a arte, primeiramente como educadora em salas de aula de EJA, em seguida como pesquisadora em encontros com professoras da mesma modalidade de ensino e, num terceiro momento, como professora universitária com estudantes do Curso de Pedagogia. Autores como Paulo Freire, Jorge Larrosa, Foucault e Rancière fundamentam este trabalho. Palavras-chave: Formação de Professores – Leitura e Escrita – Educação de Jovens e Adultos

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SABERES E PODERES A PARTIR DA LEITURA E ESCRITA DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Eliane Aparecida Bacocina; Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. UNESP, Rio Claro.

“Quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isso é admirável!”(Michel de Certeau)

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da formação de educadores a partir de situações vivenciadas por pessoas adultas que, ao longo de suas vidas, foram levadas a aprender a se utilizar da leitura e da escrita em situações escolares e não escolares. Pode-se afirmar que os saberes adquiridos, tanto pelos educandos quanto pela educadora/ pesquisadora, passaram a se constituir em poderes, à medida que os sujeitos foram se transformando com as experiências que viveram. Os dados foram obtidos ao longo de aproximadamente dez anos, em pesquisa de pós graduação que foi se delineando desde 2003, iniciando a partir do ingresso da autora no Curso de Especialização em Alfabetização, com continuidade no Mestrado em Educação e, atualmente, retomada em pesquisa de Doutorado. As metodologias de trabalho surgiram da trajetória de interlocução da autora com os sujeitos da pesquisa tendo como mediador o contato com a arte, primeiramente como educadora em salas de aula de EJA, em seguida como pesquisadora em encontros com professoras da mesma modalidade de ensino e, num terceiro momento, como professora universitária com estudantes do Curso de Pedagogia. Autores como Paulo Freire, Jorge Larrosa, Foucault e Rancière fundamentam este trabalho. O trabalho será apresentado em forma de fragmentos, numa tentativa de “cartografar” as situações apresentadas, de acordo com a proposta de Suely Rolnik (1989), de

dar língua para afetos que pedem passagem, (...) se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

Convido o leitor a “mergulhar” nos relatos, a fim de que novos olhares sejam lançados à formação de professores na Educação de Jovens e Adultos, sobretudo, a fim de que não seja mais atribuída a essa modalidade de ensino a característica de ser composta por pessoas que possuem dificuldades mas, acima de tudo, como um espaço repleto de pessoas dotadas de saberes.

Para iniciar... um relato de formação da educadora / pesquisadora

Trabalho como educadora desde 1998 e, tendo concluído o curso de Magistério em 1995 e o curso de Pedagogia pela UNESP de Rio Claro, em 2002, iniciei, em 2003, uma nova empreitada enquanto educadora. A escola já me era conhecida, porém, sentia como se fosse um lugar novo, devido ao horário diferente (16h às 22h) e às diferentes pessoas que estavam ao redor. A sala de aula até então para mim, um lugar repleto de crianças e de barulho, estava diferente, embora não menos alegre; a turma, mais silenciosa, constituída por outros sujeitos. Sujeitos com idades variadas, bastante diferentes entre si, mas com olhares semelhantes, com um objetivo em comum: “aprender a ler, a escrever e a fazer contas”. Os motivos, diversos: ler a receita, ler a Bíblia, o livro que ganhou de presente e “está lá, guardado na gaveta”, escrever para os parentes distantes, “tirar carta”, continuar no emprego, conseguir um emprego melhor, ser alguém na vida... entre tantos outros, talvez não revelados... As barreiras encontradas por eles também se assemelhavam bastante: o medo de errar, a “mão pesada”, a dificuldade em “lembrar das coisas”, o “não enxergar”.

Em abril do mesmo ano, retornei à universidade, ingressando no Curso de Especialização em Alfabetização. Já no momento da entrevista de seleção foi solicitada a definição de um tema de pesquisa para a monografia a ser apresentada na conclusão. Não tive dúvidas quanto à resposta. Queria pesquisar o que mais me instigava e inquietava no momento: os educandos com os quais trabalhava. Queria chamá-los a trazer para a discussão em sala de aula o que sabiam, o que conheciam, o que vivenciavam. Iniciado o curso, montei algo como um roteiro de trabalho, uma proposta didático-metodológica a ser desenvolvida em um semestre de aulas. Pensei na Arte como um caminho, talvez devido às observações e aos relatos dos educandos, que revelavam o quanto as imagens lhes eram significativas. Faltava, no entanto, o referencial teórico. Em que autor fundamentar o trabalho? A resposta surgiu já na segunda aula da disciplina *Literatura Infantil: um Enfoque Histórico Didático*, ministrada pela prof^a. Dr^a. Maria Augusta H. W. Ribeiro, que apresentou o texto de Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, como proposta de reflexão sobre a leitura e, desde esse momento, aceitou orientar tal pesquisa. O texto, já lido em algum momento de minha trajetória escolar, tomava outra dimensão para mim. Antes lido superficialmente, o texto agora se tornava uma experiência de leitura. A forma como o autor relata sua leitura de mundo me encantou. Era isso o que pretendia levar meus alunos a fazerem, ou seja, a reviverem suas leituras de mundo, tal como faz Paulo Freire, lendo os “textos”, as “palavras” e as “letras” que existem em seus mundos. Mundos repletos de cores, de imagens, de músicas, de poesias...

Teve início meu primeiro momento de invenção. Organizei uma proposta com nove módulos de trabalho, cujos eixos surgiram da seqüência que consegui apreender da leitura de Paulo Freire: *I - Quem sou eu?*, *II – Minha infância*, *III - Presença ou ausência da experiência escolar*, *IV – Minha família*, *V – Minhas crenças*, *VI – Meus medos*, *VII - Aprendizado com as pessoas*, *VIII – Eu e o trabalho*, *IX - Como vejo a vida*. A partir da definição de temas, fui em busca do material de leitura que pudesse fazer parte de cada tema, material formado por imagens (obras de arte), músicas e poesias. Elaborei também o planejamento das aulas, fundamentado na metodologia proposta por Jolibert (1994) e na Metodologia Triangular, de Ana Mae Barbosa (1991).

Portanto, ao iniciar o segundo semestre do mesmo ano, agora com nova turma de alunos, já tinha tudo organizado. Tinha início, naquele momento, uma nova experiência. Da criação individual do trabalho, surge a criação coletiva, junto com os educandos.

Neste processo, alguns relatos e situações vivenciadas foram saltando aos olhos.

Lendo o mapa – travessias

Numa aula em que é proposta a leitura de um pequeno texto em que aparecem nomes de Estados do Brasil, levo o mapa e o deixo ali no quadro, para que eles possam se levantar de seus lugares e observar de perto. A curiosidade surpreende, assim como as histórias de travessias que contam. Por quantos lugares passaram esses sujeitos... E quanta coisa lhes “passou”...

Os desenhos das letras que representam as placas

Quantos saberes! Entre uma conversa e outra, Adriano, um dos alunos, conta que o maior desafio vencido foi o de conseguir “tirar carta”. Ele não conhece o nome de nenhuma letra e conta que, para passar na prova, ficou “um tempão olhando para as placas desenhadas no livro”, associando as imagens à seqüência de letras que compunham seu significado. Tarefa difícil, para qualquer um, quase impossível. Mas Adriano consegue. Como essa, quantas histórias vão surgindo...

“Como foi que apareceu aquele nome ali?”

Carlos, jovem casado há pouco tempo, numa segunda-feira, chega à aula todo animado, dizendo:

Professora, esse fim-de-semana eu fui no supermercado e fiquei feliz. Eu olhei pra margarina e consegui ler: DORIANA. Puxa vida! Cheguei em casa todo contente e

falei pra mulher: 'Agora você não briga mais comigo. Agora eu sei qual é a margarina que você sempre me pede e eu nunca trazia direito.'

Fico pensando na experiência desse rapaz, e na forma como uma atividade tão simples e rotineira para mim, comprar uma margarina, para ele se torna tão significativa.

Mais adiante, outro relato desse mesmo educando:

Eu trabalho numa firma que faz móveis de aço. E eles sempre me dão um papel com o desenho dos móveis com a medida pra eu fazer igual. Outro dia eu bati o olho no cantinho da folha e li escrito: estante. Na hora eu fiquei impressionado, e pensei assim: 'Como foi que apareceu aquele nome ali?' Mas não é que apareceu; eu é que não via, não enxergava. Pra mim, antes, a palavra era só um rabisquinho. Hoje não.

Quantos "rabiscos" ganham forma, a partir do conhecimento da leitura e da escrita...

"Agora já sei assinar meu nome"

Aline, personagem de vida sofrida, apesar de sua pouca idade (26 anos), se coloca, no momento de leitura de uma das imagens, como aquela que se vê no fundo do quadro, talvez uma forma de tomar consciência da pouca participação que exerce em sua própria vida. Essa reação é expressa também ao olhar para o espelho, em outra atividade realizada:

"Nossa! Aqui tem um bicho muito feio!"

O fato de ser impedida de estudar pela mãe, que na infância a levou, não a escolher os próprios passos, mas a anular a própria vontade, e seguir um destino imposto, de cuidar da casa e do sobrinho, enquanto a irmã seguia a profissão de professora, parece deixar nela uma mágoa profunda. Num outro momento, no qual o grupo encontra-se discutindo os medos, um dos colegas diz que tem medo de perder um amigo, ao que ela responde:

- Amigo? Nem nossa mãe é amiga... (Aline)
 - A mãe é a única amiga que a gente tem. (Raimunda, 2005)
 - Se ela fosse nossa amiga, ela colocava a gente na escola. (Aline, 2005)
- Em atividade que remete à infância, também esse fato aparece:
- Não fala mais em infância que eu tenho trauma... Infância? Nem sei o que é isso... É que a minha infância foi muito triste. (Aline, 2005).

Porém, aos poucos, ela vai aprendendo a ler, e alguns resultados positivos vão surgindo:

Sabe professora, de um tempo pra cá eu estou conhecendo mais as letras. Eu achei que nunca ia aprender... Eu mudei bastante de um tempo pra cá, eu vivia em depressão. [...] Antes a gente via uma placa assim, a gente nem ligava... Agora a gente fica tentando ler...É tão bom a gente aprender a ler. Você não tem mais vergonha, você não é mais uma pessoa tímida... [...] Eu estava tão desanimada esses

dias. É que as minhas cunhadas me humilham muito, tiram sarro, falando que onde já se viu eu estudar depois de velha. Mas meu marido me incentiva, aí eu tento me animar de novo. [...] Tem uma palavra que me dói muito que é *analfabeta*. O pessoal tirava sarro falando: “Oh! Sua analfabeta...”

Essa questão aparece também no início de semestre, quando realizamos a leitura do Documento de Identidade, e vemos no documento da aluna, o carimbo em vermelho contendo a expressão: NÃO ALFABETIZADA. No momento, a personagem afirma:

“Quero fazer outra via. Agora eu já sei assinar meu nome”.

Aline não apenas quer fazer outra via de seu documento, mas realmente o faz. Para surpresa de todos, ao final do semestre, ela conta com satisfação:

- Quando eu fiz o meu RG eu era analfabeta, eu não assinei. Lembra que quando a gente fez aquela lição com ele eu não tinha assinado? Faz um tempo eu perdi o meu RG e agora eu assinei. (Aline, 2005)
- E como foi que você perdeu seu documento? - pesquisadora
- Acho que foi meio de propósito, porque doía ficar olhando aquele dedão no lugar da assinatura e aquele carimbo vermelho. Aí eu consegui fazer outro. O rapaz da delegacia até elogiou a minha assinatura. Quando eu falei pra ele que eu não tinha assinado o outro documento porque eu não sabia escrever, ele falou assim: “Nossa! Que assinatura bonita! Nem parece que você aprendeu assinar agora.” (Aline, 2005)”

Quando Aline fala sobre o elogio recebido, é possível ver a importância do olhar do outro na forma de ver a si mesma. Essa fala é diferente das anteriormente ouvidas por ela em outros momentos, como ela mesma relata:

“Tem uma palavra que me dói muito que é “analfabeta”. O pessoal tirava sarro falando: ‘Oh! Sua analfabeta...’ ”

Aline parece ter vencido a dor que sentia a cada vez que lia aquele carimbo vermelho em seu documento. A palavra ali escrita ela conhecia bem, pois a sentia com sofrimento sobre si mesma. Em uma atividade final, em que foi proposto que cada um encontrasse uma forma de representar a vida, Aline traz o desenho da escola, e conta: “[...] a escola mudou a minha vida”. Pelo que se pode captar desses relatos, a aluna demonstra ter entrado na escola de uma forma e saído de outra. Como se tal experiência lhe tivesse possibilitado modificar-se, reconstruir-se, inventar-se.

“Poemas que saem da gaveta”

Em 2010, enquanto professora universitária, ao ministrar a disciplina “Oficina de Leitura e Produção de Textos” para o 1º semestre de um Curso de Pedagogia em faculdade localizada no município de Praia Grande/SP, encontrei, por entre as carteiras

da sala de aula, uma poetisa, Ludimar, que com seus 59 anos de idade, realizava o sonho de cursar uma faculdade, após ter concluído o ensino fundamental e médio na Educação de Jovens e Adultos e após passar muitos anos escrevendo poesias e, de forma autodidata, estudando Língua Portuguesa. Muito me surpreendeu a qualidade de escrita de seus poemas, alguns premiados por meio de Concursos regionais e nacionais, bem como dos conhecimentos que trazia consigo. Ela me conta que, durante muito tempo, impedida de estudar pelos pais e pelo marido, em momentos escondidos, lia romances e, inspirada pelas leituras, escrevia poemas. Seus escritos ficaram, durante muito tempo, guardados na gaveta, e pareciam “gritar”, como se pedindo para serem mostrados, divulgados. Até que, no momento em que retorna aos estudos e começa a apresentá-los a seus professores que a acompanhavam na EJA, ela resolve inscrevê-los em concursos literários e, com isso, consegue sair do anonimato, tomando possível “dizer sua palavra” ao mundo. Alguns poemas são ficcionais, outros, autobiográficos. Há aqueles que foram escritos em momentos difíceis, em que a autora passou por uma síndrome do pânico, ficou viúva, perdeu amigos queridos. Outros são homenagens a pessoas que a acompanham e incentivam – filhos, professores, amigos. Ao mesmo tempo em que volta a frequentar a escola, ela é também apresentada a diferentes grupos de poetas, que criam espaços para trocar experiências e divulgar sua arte.

Conheci Ludimar no início daquele semestre e, como havia previsto uma aula para trabalhar poesia, convidei-a para uma participação nessa aula. No dia combinado, ela levou uma sacola com seus poemas “enroladinhos”, como que para presente e, nos momentos finais, foi à frente da sala e declamou alguns deles, distribuindo seus “rolinhos” aos colegas. Criou-se, dessa forma, uma relação em que não existe mais alguém que ensina e alguém que aprende.

Em 2011, convidei-a novamente para uma palestra aos alunos iniciantes do curso e, por meio dela, pude ter contato com um grupo de poetas do qual ela participava. Muitos dos alunos, no primeiro semestre do curso de Pedagogia, tornaram-se participantes assíduos da atividade. Alguns, que num primeiro contato, frequentaram a roda apenas como ouvintes, a fim de cumprir uma obrigação acadêmica, para conseguir o certificado para as Atividades Complementares exigidas pelo curso, passaram a voltar todos os meses ao local, não mais como obrigação, mas como forma de encontrar prazer no contato com a leitura e a escrita. Pouco depois, alguns, olhos brilhando, me procuravam após o período de aula, e me pediam para revisar poemas que escreveram para ler na “roda”. Falas vão surgindo: “Será que o português está correto?” “Vou ler para os poetas. Não quero fazer feio...”

Vejo a educanda se transformar em educadora e a forma como passa a compartilhar seus conhecimentos com as pessoas à sua volta.

A formação enquanto viagem: escrita e poder

Larrosa compara a experiência de olhar para si mesmo a uma viagem, que pode levar seus viajantes a reconhecerem a necessidade de se modificarem. Foi algo semelhante o que aconteceu a esses sujeitos, em formação, e formadores, a partir da experiência de leitura e escrita.

En la experiencia uno se encuentra a sí mismo. Y, a veces, uno se sorprende por lo que encuentra, no se reconoce. Y tiene que reconstruirse, que reinterpretarse, que rehacerse. Por eso, en los viajes en los que no todo está pre-visto, uno vuelve transformado. No sólo con una colección de fotos, o con las alforjas llenas, sino transformado. Y para transformarse, hace falta que nos pase algo y que lo que nos pasa nos pruebe, nos tumbe, nos niegue. (LARROSA, 1996, p 469-470).

Michel de Certeau (2004) aponta o papel político da escrita, ao dissertar sobre a “economia escriturística”. Segundo o autor, “sempre é verdade que a lei se escreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos. Ela os articula em um corpo jurídico, com eles faz seu livro. [...] Os livros são apenas as metáforas do corpo.” (CERTEAU, 1994, p. 231-232). Tais considerações levam a pensar a respeito do papel político que tem a linguagem, papel também apontado por autores brasileiros como Paulo Freire (1993), ao definir a leitura como um ato político e afirmar que “enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito” (FREIRE, 1993, p. 19). E, portanto, enquanto alfabetizando, um sujeito que pode e deve se apropriar do código escrito para escrever sua própria história e não apenas para se submeter a um saber imposto. É necessário “ler o mundo”, ler além das palavras que lhe são dadas, inventá-las...

Rancièrè (2002) aponta o poder emancipador que se torna possível quando se rompe as barreiras hierárquicas entre mestre e aprendiz. O autor defende uma relação de igualdade entre os saberes, que se concretiza por meio da palavra.

No ato de palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão*: alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso. (RANCIÈRE, 2002, p. 74).

Analisando as viagens empreendidas pelos sujeitos acima apresentado, ainda nas palavras de Rancièrè (p.73), foi possível vivenciar a “potência que permite ao ‘ignorante’ arrancar o segredo do livro ‘mudo’”.

O pensamento não se diz em *verdade*, ele se exprime em *veracidade*. Ele se divide, ele se relata, ele se traduz por um outro que fará, para si, um outro relato, uma outra

tradução, com uma única condição: a vontade de comunicar, a vontade de *adivinhar* o que o outro pensou e que nada, afora seu relato, garante, que nenhum dicionário universal explica como deve ser entendido. A vontade adivinha a vontade. É nesse esforço comum que toma sentido a definição de homem como *uma vontade servida por uma inteligência*. (RANCIÈRE, 2002, p.71).

Vontades... saberes... Nas salas de aula nas quais se objetiva ensinar a ler e a escrever, o que se propõe não é uma formação que busca por verdades, nem pela transmissão de conteúdos presentes em um “dicionário universal”, mas o compartilhar de relatos, ideias e invenções, contar a própria história.

Nessas formas de contar-se a si mesmos, reconhecem-se vitórias, travadas nas duras batalhas de suas vidas. Segundo Larrosa, “para “chegar a ser o que se é” há que combater o que já se é.” (Larrosa, 2002b, p. 61). E as armas usadas nessas batalhas e combates são as palavras, que permitem romper horizontes e abrir possibilidades:

Sólo el combate de las palabras aún no dichas contra las palabras ya dichas permiten la ruptura del horizonte dado, permiten que el sujeto se invente de otro modo, que el yo sea otro. [...] La fidelidad a las palabras es mantener la contradicción, dejar llegar lo imprevisto y lo extraño, lo que viene de afuera, lo que desestabiliza y pone en cuestión el sentido establecido de lo que se es. La fidelidad a las palabras es no dejar que las palabras se solidifiquen y nos solidifiquen, es mantener abierto el espacio líquido de la metamorfosis. La fidelidad a las palabras es reaprender continuamente a leer y a escribir (a escuchar y a hablar). Sólo así se puede escapar, siquiera provisionalmente, a la captura que funciona obligándonos a aprender y a escribirnos de un modo fijo, con un patrón estable. Sólo así se puede escapar, aunque sea por un momento, a los textos que nos modelan, al peligro de las palabras que, aunque sean verdaderas, se convierten en falsas una vez que nos contentamos con ellas. Sólo así se encontrará una identidad narrativa, abierta y desestabilizadora. (LARROSA, 1996; 481-482).

Que cada vez mais seja possível “armar” as pessoas, seja qual for o cenário em que se encontrem, de palavras que desestabilizam e provocam metamorfoses, que as formem e transformem enquanto seres humanos.

Para finalizar – algumas considerações

A partir dos fragmentos apresentados, torna-se possível observar modos de identificação de si mesmos que remetem a saberes e olhares que são múltiplos. Poder-se-ia dizer que essa multiplicidade de modos de ser e de se ver talvez faça a riqueza de um ambiente na educação de jovens e adultos, onde estão pessoas que são únicas, singulares, que constantemente “superam” a si mesmas, desestabilizam-se a cada momento, a cada novo saber que se adquire, a cada experiência compartilhada...

Vivenciam-se experiências de escrita que ultrapassam os espaços academicamente pensados para desenvolver conhecimento. Por meio da escrita e da leitura, o cenário da sala de aula torna-se emancipador. Como afirma Rancière:

A emancipação do artesão é, antes de mais nada, a retomada dessa história, a consciência de que sua atividade material é da natureza do discurso. Ele se comunica como artista: um ser que crê que seu pensamento é comunicável, sua emoção, partilhável. (RANCIÈRE, 2002, p. 73)

A sala de aula torna-se um espaço de encontro com pessoas que podem compartilhar saberes e experiências de vida.

Mais ainda, o homem sabe que há outros seres que a ele se assemelham e aos quais poderá comunicar os sentimentos que experimenta desde que os situe nas circunstâncias às quais deve suas penas e seus prazeres. Assim que ele conhece o que o comoveu, ele pode se exercitar em comover os outros, se ele estuda a escolha e o emprego dos meios de comunicação. É uma língua que ele deve aprender. (RANCIÈRE, 2002, p. 76).

Sobre as experiências de escrita, a partir do contato com a arte, é possível considerar também a perspectiva de Foucault (2006), que considera a escrita / a arte para além da representação, do corpo, mas “em direção ao infinito”. O autor traz à linguagem, enquanto arte, possibilidades múltiplas, ilimitadas, infinitas, considerando sujeitos que escrevem a si mesmos, à sua “alma”:

É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve; porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma (FOUCAULT, 2006, p. 152).

Como pensar, a partir desses relatos, sobre a relação entre pessoas que se formam e se transformam durante todo o processo de suas vidas? A formação que se propõe com esse relato de pesquisa é, portanto, aquela que produz a ampliação dos saberes de cada um até o infinito de suas possibilidades...

Referências

BACOCINA, E.A. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP – Rio Claro-SP: 2007.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Tradução de Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A invenção do cotidiano 2. Morar. Cozinhar*. Tradução de Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In *Ditos e escritos: estratégia, poder-saber – Volume V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.144-162.

LARROSA, J. Narrativa, identidad y desidentificación. In: *La experiencia de la lectura: Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona (Espanha): Laertes, 1996, p. 461-482.

_____. (2002a). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr., 2002a.

_____. (2002b). *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental*, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.